

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ “CULTURA MATERIAL, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES” (VOLUME 2)

Cláudia Eliane P. Marques Martinez

A expressiva quantidade e qualidade dos artigos recebidos, quando da abertura da chamada para o dossiê “Cultura material, imagens e representações”, atesta a importância que esta abordagem de interpretação vem adquirindo na historiografia brasileira. Em razão disso, a comissão editorial da “Revista Domínios da Imagem” decidiu publicar o segundo volume que ora é apresentado. A pluralidade de temas e objetos de pesquisa oriundos de diferentes campos do conhecimento evidencia o interesse dos pesquisadores pela cultura material. O conjunto de textos que compõe este segundo volume compreende a cultura material em suas várias dimensões, seja ela pelo meio físico, o objeto em si, seja por meio de sua representação imagética em museus, fotografias, pinturas e exposições.

Começamos a apresentação destacando os artigos que tomam a instituição museal como lugar de pesquisa e campo de ação. O texto de Roberta Madeira de Melo e Zita Rosane Possamai aborda a formação da coleção etnológica do Museu Júlio de Castilhos/RS, na primeira metade do século XX. As autoras apontam que os artefatos indígenas musealizados, nas quatro direções administrativas do respectivo museu, “foram considerados como objetos científicos, vinculados aos estudos da História Natural como artefatos históricos e como objetos que representavam culturas folclóricas”. O texto reflexivo, calcado na coleção etnológica, colabora para o debate, ainda em curso, que problematiza a imagem e o lugar do indígena nos museus do passado e da contemporaneidade.

A representação da cidade na exposição de longa duração do Museu Histórico de Londrina/PR constitui o tema do artigo de Taiane Vanessa da Silva. A análise concentrou-se no memorial descritivo da exposição elaborado entre 1996 e 2000. Entre outras questões, a autora investiga a narrativa que consolidou os mitos fundadores e como essa perspectiva ajudou a consolidar uma imagem positiva da cidade “em detrimento de memórias e identidades plurais”. Observa que, a partir de 2016, ocorreram ações e intervenções na principal exposição museológica da instituição que tiveram o propósito de incluir e problematizar outras etnias, antes desconsideradas ou desvalorizadas, como é o caso da cultura indígena.

Outra coleção, um conjunto de brinquedos doado ao Museu Paranaense, entre 2014 e 2015, constitui a matéria do artigo de Martha Helena L. Becker Morales. Os objetos de deleite das crianças foram observados a partir da tríade: infância, gênero e cultura material. O trabalho procura dar ênfase, sobretudo, ao momento que antecede a musealização, quando os objetos são classificados e selecionados pelo(a) doador(a) “conforme suas expectativas de consolidação da memória”. Posteriormente, enfoca o período em que a instituição transforma o objeto individual/particular em “um discurso representativo de coletividade” e, por fim, problematiza o lugar do brinquedo na instituição museal.

A fotografia e a imagem foram abordadas de forma diversa em três artigos. No primeiro, “Memórias e história dos sem nome: o uso das fotografias de identificação nos documentários de Rithy Panh,” de Tomyo Costa Ito, recupera, como o próprio título alude, as fotografias de identificação a fim de problematizar a memória desse tenebroso período da história do Camboja, “sistematicamente apagada pelo regime do Khmer Vermelho nos anos 1970”. Ao problematizar a experiência da catástrofe, na produção de Panh, o autor contribui para o não apagamento da memória, bem como para a necessidade de examinar histórias e identidades de homens e mulheres que foram fisicamente e simbolicamente exterminados. No segundo, Audrey Franciny Barbosa faz uma análise instigante de um corpo documental composto por dez retratos de normalistas tirados entre 1936-1938, os quais foram elaborados no estúdio fotográfico Foto Bianchi, em Ponta Grossa/PR. A teatralidade nas poses dos retratos, a eternização da lembrança individual, bem como a “desindividualização”, enquanto integrantes de um grupo, compõem o alicerce para se compreender os retratos escolares “enquanto artefatos da cultura material escolar, cujas representações fotográficas desempenharam funções simbólicas e materiais”.

No artigo escrito por Carlos Roberto Gaspar Teixeira e Carlos Gerbase, a representação do corpo feminino foi analisada tendo como suporte os perfis oficiais das principais marcas esportivas dispostas no Instagram, como, por exemplo, *Nike, Adidas, Puma*. Das 1.776 imagens dispostas em vídeos e fotos, os autores observaram que, enquanto os “órgãos oficiais ligados ao esporte tendem a evitar a banalização de imagens femininas com viés sensual”, as marcas de caráter mais comercial alimentam o imaginário sensual da mulher, principalmente, dentro do mercado brasileiro.

O artefato *em si* foi objeto de cinco artigos que exploraram, além da materialidade, a memória e a necessidade de preservação do patrimônio cultural brasileiro. É o caso do artigo “Cultura canavieira do Cariri cearense: anos 1930-1970”, de Naudiney de Castro Gonçalves, que investiga a cultura material canavieira do Cariri tendo como referência os vestígios arqueológicos presentes nas ruínas e nos remanescentes de maquinários. A

transição tecnológica dos engenhos artesanais para o processo instaurado pela agroindústria é interpretada a partir da problemática que envolve a paisagem cultural e o patrimônio cultural industrial.

No texto “Preparando as Marcas: o caso das chocolateiras (entre interpretações da Europa e do Brasil)”, Rosângela Ferreira Leite brinda o leitor com um estudo cuidadoso que privilegia a trajetória e a popularização deste artefato, a chocolateira, no período da transferência da Corte Bragantina para a América portuguesa. Segundo a autora, longe de enfatizar a Corte como propagadora de luxo, cosmopolitismo ou novos hábitos, o texto valoriza “a centralidade dos espaços coloniais para a sofisticação de mercadorias ordinárias que deram suporte à construção de uma propalada ‘cultura de consumo europeias’ ao longo do século XIX”.

O artigo de Rosana de Oliveira Gomes Santos e Ana Paula Bispo da Silva apresenta uma história emocionante na qual os ‘carrinhos de bala” são analisados como artefatos que permitem entrelaçar histórias pessoais/individualizadas em consonância com a crise econômica da década de 1980, na Paraíba. A biografia do objeto é descortinada simultaneamente à realidade econômica e à vulnerabilidade do mercado de trabalho informal de um grupo social específico, os vendedores ambulantes.

O texto “As potencialidades dos objetos para a construção da identidade: o caso da Faculdade de Enfermagem”, de Diego Lemos Ribeiro e Marina Duarte Gutierre, pesquisa um conjunto de objetos que representa “o fazer profissional”. A memória e a identidade do grupo socioprofissional podem ser ali problematizadas, considerando não apenas o critério de seleção dos objetos que representam o ofício da enfermagem, mas, principalmente, como a exibição/exposição pública pode (ou não) potencializar tais questões.

Paulo Augusto Nedel apresenta um estudo sobre a Igreja Matriz de Santo Antônio dos Anjos - Laguna/SC investigando, especialmente, a composição estatuária. Além da classificação do material, a tipologia, a temporalidade e o “ciclo iconográfico”, no qual as imagens estão inseridas, chama atenção para a necessidade de preservação e segurança do patrimônio cultural religioso no Brasil. Na senda das obras históricas, o artigo de Elizabete da Costa Leal e Laura Giordani discute a criação de uma narrativa visual na obra *Independência ou Morte!* (1888) de Pedro Américo. Trabalha com três temporalidades, sendo a primeira a da própria criação e concepção do quadro no século XIX, passando pela sua apropriação ao longo do século XX, até a narrativa visual encontrar espaço e significado em uma história em quadrinhos, no século XXI.

Finalizo esta breve apresentação com o artigo de Priscila Rosalen Pasetto de Almeida por considerá-lo, dentro da proposta do dossiê, a expressão mais dilatada das análises, que tomam a representação da materialidade como plataforma de observação

das práticas sociais e culturais, neste caso, a trajetória da *Vila Cultural FLAPT*, durante os anos de 2002 e 2019. Este estudo de caso é ponto de partida para a crítica não só da concepção e formação das Vilas Culturais no Brasil, mas, em especial, da implementação de uma política pública de cultura em Londrina, uma cidade do interior do Paraná.

Agradecemos a franca e generosa colaboração de tod@s que participaram do dossiê sobre *cultura material, imagens e representações*. Desejamos aos interessados no assunto e nos temas aqui abordados uma agradável e proveitosa leitura dos artigos!